

# FALSOS COGNATOS: ESTUDO CONSTRATIVO ENTRE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E LÍNGUA DE SINAIS ARGENTINA.

Prof.<sup>a</sup> Ms. Kátia Lucy Pinheiro  
Universidade Federal do Ceará

## Resumo

O contato linguístico entre falantes de línguas diferentes promove situações interpretativas e tradutórias diversas, neste contexto específico entre línguas naturais que o fenômeno semântico conhecido como “falsos cognatos” surge. Diante disso, a presente pesquisa tem o objetivo de refletir sobre as evidências desse fenômeno em Línguas de Sinais, em especial, entre a Libras e a Língua de Sinais Argentina. O estudo contribui para a mensuração dos falsos cognatos numa perspectiva sociolinguística utilizando-se da exemplificação lexical que apresenta sinais com semelhança na forma e divergência no conteúdo, a fim de que essa observação possa contribuir com falantes bilíngues desse par linguístico.

## Introdução

Cognatas são palavras que possuem a mesma origem, tendo, portanto, grafias e ou fonologias semelhantes. Com a evolução das línguas, algumas palavras iguais podem apresentar significados diferentes dependendo do idioma. Para essas ocorrências, coloquialmente denominamos esses léxicos de “falsos cognatos” ou “falsos amigos”.

Segundo Sabino (2006), se partirmos da etimologia do vocábulo cognato, constatamos que este, originou-se do latim *cognatu(m)* que é a junção de *cum (=com)* e *natus(=nato)*, significado, portanto, nascido junto, consanguíneo. Sendo assim, não poderiam ser consideradas cognatas palavras de origens diferentes.

[...] poderíamos dizer que tais vocábulos, originalmente nascidos junto, e que formalmente se assemelham, mas que por evoluções semânticas diferentes assumiram alguns significados distintos, só poderiam ser chamados de falsos cognatos [...] (SABINO, 2006, p. 252).

De acordo com Vaz da Silva e Vilar (2003), “Falsos amigos” é o termo coloquial usado em Linguística, nomeadamente das áreas específicas da tradução para fazer referências às lexias cognatas com diferentes significações. Isto é, falso amigo é aquele signo linguístico que, geralmente pelo efeito de partilha de uma mesma etimologia tem uma estrutura externa muito semelhante ou equivalente à de outro signo numa segunda língua, cujo significado é completamente diferente. Essa característica de formas ou

aparências leva o falante bilíngue a estabelecer uma correspondência de significados ou, aproveitando a mesma terminologia, a acreditar numa relação de amizade semântica falsa.

O conceito de falsos cognatos foi estabelecido em 1928 pelos linguistas franceses Maxime Kossler e Jules Derocquigny. O elemento mais importante no processo de modificação é o conteúdo semântico precisamente a cadeia significante – significado que nos permite compreender [...] o conflito entre essas duas facetas da palavra. Vários autores reconhecem Koessler e Derocquigny (1928), como tendo sido os primeiros a usarem o termo Falsos amigos (*faux-amis*). A esse respeito, Prado (1989, p. 721), traz a seguinte citação:

*Desde que Maxime Koessler Jules Derocquigny publicaron Les Faux Amis em 1928, la expresión “falsos amigos” se há usado para denominar los vocablos de dos lenguas que son iguales o muy similares, pero que difieren, a veces considerablemente, em significado o uso. Estos falsos amigos son sumamente tracioneros porque a primera vista parecen ser una gran ayuda por la similaridade ortográfica, pero em realidade hacen más árdua la tarea de maestros, estudiantes y traductores.*

Na língua de sinais, esse fenômeno também pode ser observado, pois sinais semelhantes, que se diferenciam por apenas um dos parâmetros fonológicos<sup>1</sup>, podem possuir significados completamente diferentes dentro da mesma língua ou em comparação com sinais de uma segunda língua de sinais. Apesar disso, ainda não existem pesquisas sobre falsos cognatos em línguas de sinais.

Esse fenômeno também ocorre entre utentes de línguas não orais como no caso dos sinalizantes de Libras (Língua Brasileira de Sinais) e LSA (Língua de Sinais Argentina). Os “falsos cognatos” geralmente acontecem entre comunidades linguísticas de fronteira ou historicamente ligadas. No entanto, eles não apresentam um padrão fixo e perceptível. No Brasil, são evidentes as semelhanças entre os vocábulos (sinais) usados pelos sinalizantes da Libras no Rio Grande do Sul em comparação com os usados em Córdoba na Argentina. Contudo, isso ainda demanda pesquisas acadêmicas que possam analisar as diferenças culturais que geram essas condições semânticas.

Contudo, uma observação histórica diz respeito à herança da língua de sinais da Argentina, conforme texto encontrado no site do CAS<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> Segundo Ferreira-Brito, 1995 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, os parâmetros fonológicos da língua de sinais brasileira (configuração de mão (CM), Movimento (M), Locações (L), Orientação da mão (OR) e Expressões não-manuais.

<sup>2</sup> CAS- *Confederación Argentina de Sordos*, dados retirado do site (?)

*“Hace muchos años, exactamente el 19 de setiembre de 1885, el Congreso Nacional sancionó una Ley que ordenaba la creación de un instituto nacional para sordomudos que se constituyó en la primer escuela para Sordos de nuestro país”*

Ou seja, há muitos anos, exatamente em 19 de setembro de 1885, o Congresso Nacional sancionou uma Lei que ordenada a criação do Instituto Nacional para surdos-mudos que se constitui como a primeira escola para surdos do nosso país. (tradução livre)

Entretanto, a origem da LSA vem da LSI (Língua de Sinais da Itália), conforme texto:

*“Con la llegada al país de estos maestros italianos la Lengua de Señas Argentina recibe la primera influencia lingüística de la lengua de señas Italiana, de la cual deriva el alfabeto manual y probablemente, los sistemas numerales. En efecto, Skliar y Pizzuto por Tomas Péndola en 1892, quien fuera llamado el padre de la educación del sordo en Italia. En 1897 se creó en este establecimiento el Departamento de Niñas. En 1901, se separan las escuelas por sexo para una mejor eficacia educativa y, se crea así el Instituto Nacional de Niñas Sordomudas (Ponce, 1981)”*

Isto é, a LIS – Língua Italiana de Sinais está para a LSA, assim como a LSF (Língua de Sinais Francesa) está para a Libras. Não obstante, pesquisar a familiaridade dessas línguas sinalizadas é uma atividade da linguística histórica, no que diz respeito a compreender como se comportam a construção dessas cadeias de similaridades semânticas.

## **Método**

A pesquisa se dedicou a buscar evidenciar falsos cognatos entre as línguas de sinais do Brasil e da Argentina, no caso, entre a Libras e a LSA. Bem como analisar suas cargas semânticas a fim de promover intercâmbio cultural e linguístico para TILS das comunidades brasileiras e argentinas. Os objetivos específicos desse trabalho são: identificar falsos cognatos nas línguas de sinais como Libras e a LSA; elucidar as diferentes cargas semânticas entre os termos e verificar a existência de falsos cognatos no processo de interpretação.

A pesquisa tem característica exploratória (LAKATOS E MARCONI, 2001), na qual a coleta se consistiu em interações com sinalizantes do par linguístico envolvido, observações participativas, entrevistas e prática interpretativa em eventos, seguida de análises empíricas e teóricas.

O conceito de falsos cognatos que deu origem a esse trabalho surgiu a partir de uma experiência pessoal: anos atrás, por volta de 2002, conheci a variação dialetal da Libras da Comunidade Surda de Porto Alegre, sendo esta diferente da variação da Libras produzida no Estado do Ceará. Posteriormente, no ano de 2012, participei do Pan-americano de Surdos (evento esportivo), em São Paulo, onde conheci um surdo argentino que me serviu de informante.

Inicialmente nossa conversa ocorreu por meio de um “*pidgin*”<sup>3</sup> entre a Libras e Sinais Internacionais<sup>4</sup>. Mantive contato através da ferramenta Skype quase que diariamente. A princípio, conversávamos em Libras. Posteriormente, pedi que me ensinasse a Língua de Sinais Argentina.

Em outros momentos atuando como tradutora/intérprete de Língua de Sinais tanto para surdos brasileiros quanto para surdos argentinos, pude me deparar também com falsos cognatos.

## **Resultado**

No que diz respeito às relações semânticas de falsos cognatos existentes entre a Libras e a LSA, algum achado podem ser descritos aqui, exemplificados por alguns sinais. Para evidenciar a afirmação anterior cito Monteiro (2006), mostrando que em 1856, chegou ao Brasil o professor Ernest Huet, surdo francês que trouxe o alfabeto manual francês e alguns sinais para o Brasil. Os surdos brasileiros, que deviam usar algum sistema de sinais próprio, em contato com a Língua de Sinais Francesa (LSF), produziram a Língua de Sinais Brasileira. No ano seguinte, no dia 26 de setembro de 1857, foi fundado o Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, e denominado o atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Com efeito, descobrir o parentesco dessas línguas é um motivador para construção desse projeto.

Exemplos dessa variação na própria Libras são os sinais utilizados para os signos: SEPARAR e PACIÊNCIA que possuem significantes diferentes em cada uma dessas regiões. Desse modo, foi possível observar algumas evidências: na Libras, o sinal

---

<sup>3</sup>“*Piding*”- É uma língua de emergência, sua utilização é consequência de uma miscelânea de línguas diferentes. Surge da necessidade de falantes de línguas distintas estabelecerem situações comunicativas. Dessa forma, o pidgin não pode ser considerado uma língua materna.

<sup>4</sup> Os Sinais Internacionais (SI), é uma linguagem auxiliar internacional, muitas vezes usada pelos surdos em conferências internacionais, ou informalmente. Ainda não é considerada uma língua, já que não possui uma gramática registrada. Utilizam-se os sinais com a gramática de qualquer uma das línguas de sinais existentes. É utilizada em reuniões internacionais de surdos. SI é uma espécie de esperanto, mas está se tornando uma língua crioula.

de PACIÊNCIA, segundo Capovilla e Raphael (2008), é produzido com mãos em “V” horizontal, palmas para dentro inclinadas para cima, dedos direitos cruzados sobre os dedos esquerdos, na altura do peito. Mover as mãos para frente e para baixo, várias vezes. Opcionalmente, com a cabeça inclina e as sobrancelhas franzidas. Na LSA, o sinal de PACIÊNCIA é produzido com mão direita em B, palma para a esquerda, em frente ao queixo. Deslizar a lateral do indicador no queixo no sentido de cima para baixo repetidas vezes (descrição minha).

Outra observação possível entre os léxicos: na Libras, o sinal de SEPARAR, Capovilla e Raphael (2008), é produzido com a mão esquerda horizontal aberta, palma para cima, dedos unidos e curvados; mão direita horizontal aberta, palma para baixo, dedos unidos e curvados. Unir as mãos pelas palmas e apertá-las. Depois, soltar as mãos direcionando-as em sentidos opostos. A LSA, o sinal de SEPARAR é produzido com as mãos fechado e polegares na vertical, palma a palma. Afastar rapidamente as mãos.

Para perguntar: “Qual é o seu sinal<sup>5</sup>?” na Língua de Sinais Argentina os signos se assemelham bastante com outros da Libras que, por sua vez, contêm conotação sexual. Outra pergunta em LSA: “Qual é o seu nome?” lembra o sinal de “vá embora!” na Libras.

Tive certa facilidade em aprender a LSA, devido à semelhança entre a LSA e a variação linguística usada pela Comunidade Surda de Porto Alegre. Quando indaguei se ele sabia dessa semelhança ele me falou que a proximidade de fronteira entre as cidades de Porto Alegre e Buenos Aires possibilitava que Surdos dos dois países frequentemente participassem de eventos sociais e desportivos nas duas cidades, por essa razão, havia muita influência da LSA nos sinais da Libras utilizado no Rio Grande do Sul. Segundo Von Borstel (2001, pg.87),

Ao estudar o uso funcional de línguas *em* e *de* contato em comunidade multilíngues, depara-se com as variações linguísticas. Elas podem manter-se estáveis no sistema ou podem se encontrar em mutação. O objeto de estudos da sociolinguística, a partir das referências teóricas de Labov (1966, 1972, 1983, 1986), é investigar o grau de estabilidade ou de mudança da variante linguística nessas duas comunidades de fala, descrevendo seu comportamento preditivo.

De acordo com o que nos propusemos no início desta pesquisa não foi abordado apenas o aspecto fonético-fonológico, mas também os fatores sociolinguísticos e semânticos, além de fatores históricos que favorecem as situações multidialetais ou

---

<sup>5</sup> Na Comunidade Surda, cada pessoa possui *um sinal* pelo qual é conhecido e identificado.

variacionais nas duas comunidades citadas, Brasil e Argentina. Von Borstel, (2011, pg. 86), exemplifica muito bem quando diz que:

Para o entendimento do próprio fato bilíngue, o pesquisador deverá ter conhecimento do contexto sociocultural e histórico-geográfico em que acontece a variável linguística. Para isso, é necessário levantar dados históricos, geográficos, sociais, culturais e linguísticos, assim como, utilizar essas estratégias de pesquisa de campo para o levantamento de dados.

Os sinais de “particular” e “rico” em Libras, significam “rico” e “susto” em LSA, respectivamente. Tais ocorrências geram confusão durante o ato tradutório ou interlocuções entre falantes dessas línguas em questão, isso ocorre devido à semelhança fonológica entre os termos.

Na Libras, o sinal de PARTICULAR, (CAPOVILLA E RAPHAEL, 2008), é produzido com a “mão direita horizontal fechada, palma para baixo, dedos indicador, polegar e médio distendidos apontado para a esquerda. Tocar a ponta do polegar no lado direito do peito.” Já em LSA, o sinal de RICO é produzido com a mão direita horizontal fechada, palma para baixo, dedos indicador, polegar e médio distendidos apontado para a esquerda. Tocar a ponta do polegar no lado direito do peito. Inflar a bochecha direita. Sobrancelhas sobressaltadas. (descrição minha)

Do mesmo modo que na Libras, o sinal de RICO (variação dialetal de Fortaleza - CE), é produzido com a mão direita em garra, palma para a esquerda. Tocar repedidas vezes as costas do polegar no lado direito do peito. Inflar a bochecha direita. Em comparação, na LSA, o sinal de SUSTO, é produzido com a mão direita em garra, palma para a esquerda. Tocar repedidas vezes as costas do polegar no lado direito do peito. Lábios flexionados em “U” com a testa franzida e ombros sobressaltos. (descrição minha).

## **Discussão**

Em síntese os desafios encontrados nos falsos cognatos: a aparente semelhança entre os sinais da Libras e LSA pode não ser um cognato. Nos últimos dois anos, como pesquisadora da Libras, tenho atestado a existência de falsos cognatos durante as interlocuções que tenho frequentemente com sinalizantes da LSA da cidade de Córdoba/Argentina. Apesar da estreita relação histórica, política e territorial que há entre as comunidades surdas referentes aos dois países, esses falsos cognatos ainda causam barreiras comunicativas entre os bilíngues dessas duas comunidades linguísticas. Assim, acredito que seja importante, para o intercâmbio cultural e

linguístico de TILS e falantes bilíngues, fomentar pesquisas que busquem analisar semanticamente o objeto dessa pesquisa.

Este estudo vem contribuir para a mensuração dos falsos cognatos sob a perspectiva da sociolinguística que busca no fator fonológico uma possível explicação para esse fator social e da teoria dos estudos da tradução que traça estratégias para as tomadas de decisão, caso isso ocorra.

## Referencias

CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D. (editores) Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FERREIRA BRITO, Lucinda. Por uma gramática de Língua de Sinais. R.J.: Tempo Brasileiro, 1995.

MASSONE, M. I. 2000. *Aspectos discursivos y semióticos de la lengua de señas argentina. El Bilingüismo de los Sordos*, v.1, nº 4. Santa Fé de Bogotá, 102-109.

PRADO, M. Falsos amigos em lexicografia bilíngue. *Hispania*, v. 72, p. 721-27, 1989.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. 221 p.

SABINO, M.A. Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganosos? Desfazendo a confusão teórica através da prática.

VAZ da SILVA, Ana Margarida Carvalho e VILAR, Guillermo, “Os falsos amigos na relação espanhol – português”, *Cadernos de PLE* 3, 2003 (2004), pp. 75-96.

WEINREICH, U. (1953). *Languages in Contact, Findings and Problems*, Linguistic Circle of New York, New York. [This book represents the foundations of language contact research and has been regarded as one of the basic theoretical Works in the field.]

<http://ww.vocesenelsilencio.org.ar/modules.php?name=News&file=article&thold=-1&mode=flat&order=0&sid=2177>. Acesso disponível do dia 03 de outubro de 2014.

<https://www.youtube.com/watch?v=F3dpvg-2zFk>. Acesso disponível do dia 07 de outubro de 2014.